



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/11/2025 e 27/11/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/11/2025	11,25	315,10	50,26	5,27	4,25
24/11/2025	11,23	314,20	50,18	5,22	4,23
25/11/2025	11,24	317,00	50,30	5,27	4,23
26/11/2025	11,31	317,10	50,87	5,29	4,31
27/11/2025	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
Média	11,26	315,85	50,40	5,26	4,26

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	124,00	
RS – Não Me Toque	124,00	
PR – Pato Branco	125,00	
PR – M.C.Rondon	121,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	SC	
GO - Rio Verde	120,00	
BA – L.E.Magalhães	123,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	69,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	64,00	
PR – M.C.Rondon	53,00	
PR – Pato Branco	58,00	
MT – C.N.Parecis	50,00	
MS – Maracaju	SC	
SP – Itapetininga	66,00	
SP – Campinas	70,00	CIF
GO – Rio Verde	58,00	
GO – Jataí	58,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	55,00	
RS – Não Me Toque	55,00	
PR – Pato Branco	66,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 26/11/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 27/11/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,18	126,03	55,09

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
27/11/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	54,68
Feijão (saco 60 Kg)	111,43
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,23
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,35**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,60

(*) compreende preços para pagamento em 610 e 20 dias

(**) Referência Agosto/25, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A colheita da soja, nos EUA, estando encerrada, o mercado se volta cada vez mais para o plantio da oleaginosa na América do Sul e o clima que ocorre nesta região de produção.

Ao mesmo tempo, na semana encerrada em 20 de novembro, os EUA embarcaram 799.042 toneladas de soja, ficando o volume dentro das projeções do mercado. Com isso, até o momento, as exportações de soja estadunidense, no atual ano comercial, atingem a 10,9 milhões de toneladas, ou seja, 45% a menos do que o exportado no mesmo período do ano passado.

Por outro lado, surgiu a notícia de que um possível acordo entre Rússia e Ucrânia estaria próximo. Isso mexeu com o mercado, derrubando os preços do petróleo no mercado mundial nesta semana e puxando para baixo os preços do óleo de soja, porém, o movimento não se sustentou por muito tempo.

Em tal contexto, o bushel da soja, em Chicago, fechou a quarta-feira (26) em US\$ 11,31, contra US\$ 11,22 uma semana antes (na quinta-feira foi feriado nos EUA devido ao Dia de Ação de Graças). Lembrando que a média de outubro foi de US\$ 10,34/bushel, com aumento de 1,5% sobre setembro. De fato, o mês de novembro/25 foi todo ele com o bushel da soja acima dos US\$ 11,00 em Chicago, sendo que desde julho/24 a média mensal não ultrapassava estes US\$ 11,00.

Por trás desta recuperação está a retomada das compras chinesas de soja estadunidense. Neste sentido, chegou a notícia, nesta quinta-feira (27), de que a China teria comprado cerca de 12 cargas de soja dos Estados Unidos nesta semana. As compras dos volumes excepcionalmente grandes intensificam o aumento nas compras chinesas após o recente degelo nas relações comerciais entre os EUA e a China. Cada carga tem cerca de 60.000 a 65.000 toneladas. Todas as cargas estão programadas para embarque em janeiro nos terminais da Costa do Golfo dos EUA e nos portos do Noroeste do Pacífico. Em paralelo, a China cancelou a importação de uma carga de 69.000 toneladas de soja do Brasil e ainda suspendeu as compras de soja de cinco unidades após uma suposta contaminação, conforme informações da *"Folha de São Paulo"*. O "Globo Rural" confirmou que o governo brasileiro já foi comunicado do ocorrido. Segundo esta fonte, "uma carga de 69 mil toneladas de soja no navio "Shine Ruby" estaria contaminada com 10 toneladas de trigo tratado com agrotóxicos. O Brasil não tem autorização para exportar trigo à China, e os agrotóxicos usados são proibidos no país asiático. A China também suspendeu as importações de soja de duas unidades da Cargill em São Paulo, uma da Louis Dreyfus Company (LDC) em São Paulo, uma da CHS também em São Paulo, e uma da 3tentos no Rio Grande do Sul". As citadas empresas não teriam se pronunciado, até o momento da divulgação da notícia, sobre o ocorrido.

As compras ocorrem apesar de a soja dos EUA ter um preço mais alto do que a oferta brasileira. Isso nos leva a imaginar que o real motivo talvez seja justamente o retorno das compras de soja norte-americana, já que os chineses estão muito estocados em soja, pois o procedimento chinês está muito semelhante ao ocorrido no início dos anos 2000, quando a China suspendeu temporariamente as compras de soja brasileira alegando mistura de soja vermelha (tratada) na soja a ela vendida. Isso provocou baixa

nos preços de forma geral e particularmente no Brasil. Agora, tal movimento atinge os prêmios no país, levando os mesmos para níveis negativos em alguns momentos.

E aqui no Brasil, os preços do saco de soja, em termos médios, continuam oscilando entre R\$ 118,00 e R\$ 128,00. Um ano atrás o valor oscilava entre R\$ 120,00 a R\$ 148,00. No Rio Grande do Sul, as principais praças continuaram praticando R\$ 124,00/saco. Isso ocorre apesar de Chicago estar com o bushel praticamente um dólar e meio mais elevado em relação a um ano atrás, porém, os prêmios nos portos, agora, recuaram bastante e o câmbio trouxe o Real para R\$ 5,35 por dólar, contra R\$ 5,80 um ano antes.

Dito isso, no Mato Grosso, o clima seco e a falta de chuva persistia em todo o estado, havendo muitas queixas de produtores diante da falta de chuva regular e atrasos no plantio. Neste contexto, segundo a Conab, o plantio da soja no país, até o dia 22/11, atingia a 78% da área esperada, contra 75,8% na média. O Mato Grosso atingia 99,1% da área semeada, enquanto o Rio Grande do Sul ficava com 47%, contra 37,2% na média para a data indicada.

Enfim, em meio à COP30, o agronegócio brasileiro apresentou evidências de que é possível crescer preservando o meio ambiente. Um levantamento inédito, realizado pela Serasa Experian, mostrou que 90,7% das áreas de soja monitoradas na Amazônia Legal e no Cerrado estão em conformidade socioambiental, ou seja, sem sobreposição com desmatamentos recentes.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quarta-feira (26) em US\$ 4,31/bushel, contra US\$ 4,26 uma semana antes (quinta-feira, 27/11, foi feriado nos EUA). Esta leve alta confirma as oscilações da cotação do cereal naquela Bolsa, sem sair praticamente do patamar entre US\$ 4,23 e US\$ 4,36/bushel.

Enquanto isso, a colheita do milho nos EUA atingia a 96% da área no dia 23/11, contra 97% na média histórica. Já os embarques do cereal estadunidense, na semana encerrada em 20/11, atingiram a 1,6 milhão de toneladas, ficando dentro do intervalo esperado pelo mercado. Com isso, o total embarcado pelos EUA, no atual ano comercial, chega a 17,5 milhões de toneladas, ou seja, 72% acima do exportado no mesmo período do ano passado. Isso explica, também, as dificuldades que o Brasil vem encontrando para exportar o seu milho.

E no Brasil os preços do cereal pouco se movimentam. As principais praças gaúchas permanecem praticando R\$ 60,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 50,00 e R\$ 66,00/saco.

Os vendedores seguem com pouca participação no mercado, segurando os preços nestes níveis e provocando um leve viés de alta em algumas regiões do país. A demanda comprando apenas o necessário, da “mão para a boca” como se diz no jargão do mercado. Há uma forte demanda pelo milho dos EUA, fato que segura as cotações internacionais nos atuais níveis. No entanto, diante de uma produção mundial importante, o viés é de baixa para os preços internacionais. Mesmo assim, os

embarques brasileiros melhoraram um pouco em novembro como já comentado no boletim anterior. Espera-se que novembro feche com 5 milhões de toneladas de milho exportadas pelo Brasil no mês.

Quanto ao plantio, segundo a Conab, até o dia 22/11 a safra de verão de milho 2025/26 estaria semeada em 59,3% da área esperada, contra a média de 58,7%. No Paraná o mesmo estava encerrado, enquanto no Rio Grande do Sul o mesmo atingia a 87%, em Santa Catarina estava em 98% e em São Paulo a 75% da área esperada, para citar alguns estados produtores.

Vale destacar, ainda, que a demanda pelo cereal, em especial por parte das indústrias de etanol, está segurando os preços nos atuais níveis no Brasil. Enquanto isso, já há preocupações quanto ao clima na futura safrinha (cf. Agrinvest Commodities).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, fechou a quarta-feira (26) em US\$ 5,29/bushel, contra US\$ 5,27 uma semana antes (dia 27/11, quinta-feira, foi feriado nos EUA). Neste momento, o trigo trabalha perto das mínimas do mês em Chicago.

Dito isso, o trigo de inverno, nos EUA, até o dia 23/11, estava semeado em 97% da área esperada, ficando dentro da média histórica para a data, sendo que 55% das lavouras estavam em condições entre boas a excelentes.

Por sua vez, os Estados Unidos embarcaram 474.530 toneladas de trigo na semana encerrada em 20/11, ficando acima do esperado pelo mercado. Assim, no atual ano comercial os EUA já exportaram 12,8 milhões de toneladas, ou seja, 20% a mais do que no mesmo período do ano anterior.

E na Argentina, segundo a Bolsa de Comércio de Rosário, a produção poderá ser ainda maior do que o indicado dias atrás, atingindo a 24,5 milhões de toneladas de trigo em 2025/26. Desta forma, o Brasil terá mais trigo para importar do vizinho país. Somando os estoques iniciais, os argentinos terão uma disponibilidade de 28 milhões de toneladas, com quase 20 milhões para exportação, o que significa cerca de 4 milhões a mais em relação ao ano anterior. Os argentinos esperam exportar 5 milhões de toneladas de trigo para o Brasil neste novo ano comercial. Todavia, um dos problemas existente no vizinho país é a qualidade do trigo colhido neste ano. Em visita realizada ao setor produtivo argentino, os participantes do Giro Abitrigo-Argentina teriam constatado a ausência de segregação na exportação e condições climáticas indicando uma provável queda na qualidade do produto. Esse cenário foi confirmado por técnicos, produtores e analistas durante visitas a campos, moinhos e terminais portuários. Isso exige mais atenção por parte dos moinhos brasileiros ao importarem o produto argentino. Representante do Ceará no Giro afirmou que “é essencial conhecer mais sobre a origem do trigo argentino, especialmente importante para o Nordeste, onde 85% do trigo consumido é importado, com grande parte vindo da Argentina” (cf. Abitrigo).

Por outro lado, com o Real um pouco mais desvalorizado dias atrás, as importações ficaram um pouco mais caras, favorecendo a manutenção dos preços nacionais nos atuais níveis. Mas, diante dos custos de produção, os mesmos estão muito baixos.

Além disso, no Rio Grande do Sul, apesar de uma colheita importante, parte do trigo está com baixa qualidade devido a ter sido atingido por doenças, o que leva o mercado a pagar apenas o preço do produto tipo ração.

Enfim, segundo a Conab, até o dia 22/11, a colheita brasileira de trigo chegava a 86,9% da área cultivada, contra 87,8% na média. O Rio Grande do Sul registrava 81% colhido, contra a média de 78,4%; o Paraná estava com 96%, ficando na média; e Santa Catarina com 39,2%, contra a média de 57,5%. Nos demais estados produtores a colheita estava concluída.